



XVI COLOQUIO INTERNACIONAL DE
GESTIÓN UNIVERSITARIA – CIGU

Gestión de la Investigación y Compromiso Social de la Universidad

Arequipa – Perú
23, 24 y 25 de noviembre de 2016

ISBN: 978-85-68618-02-8

**POLÍTICA DE MORADIA ESTUDANTIL: EXPERIÊNCIAS DE MORADORAS NOS
ALOJAMENTOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**

THAINARA CRISTINA DE CASTRO ARIOVALDO

thai.castro7@gmail.com

RESUMO

A disponibilização de moradia estudantil é viabilizadora da ampliação das chances de universitários – que se deslocam geograficamente para cursar a educação superior – de concluírem seus estudos. Diante da importância desta política de assistência estudantil para as camadas populares, este artigo tem como objetivo apresentar resultados de uma pesquisa que buscou conhecer, analisar e descrever as experiências socializadoras e as formas de sociabilidade de graduandas e egressas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Parte-se do pressuposto de que estar nas dependências dos alojamentos universitários oportuniza a permanência dos estudantes na universidade pública por diferentes perspectivas. Num primeiro momento destaca-se o apoio material, mas é importante que se trate, também, das relações de proximidade e convívio vivenciadas, uma vez que favorecerem os processos de afiliação intelectual e o desenvolvimento das práticas culturais das mesmas, contribuindo sobremaneira para a permanência destes estudantes no ensino superior público. A geração dos dados primários se deu por meio de entrevistas semiestruturadas. Também foram utilizados dados secundários obtidos na UFV e em pesquisas nacionais sobre a assistência estudantil.

Palavras-chave: Socialização e sociabilidade de universitários; Política de assistência estudantil; Moradia estudantil; Camadas populares.

Introdução

A pesquisa que originou este artigo foi desenvolvida nos anos de 2012 e 2013 no âmbito das atividades do Programa de Educação Tutorial do Departamento de Educação (PET-EDU) da Universidade Federal de Viçosa (UFV)¹. Tal pesquisa objetivou conhecer, descrever e analisar as experiências socializadoras e as formas de sociabilidade de graduandas do curso de Pedagogia que residem atualmente em alojamentos da UFV e as memórias dessas mesmas experiências de egressas dessa instituição, as quais são atualmente professoras do Departamento de Educação dessa universidade.

Nas últimas décadas estudos no campo da sociologia da educação produzidos no Brasil e no exterior têm abordado a "longevidade escolar", os casos "atípicos" ou "trajetórias excepcionais" nos meios populares referindo-se ao prolongamento da carreira escolar até o ingresso e conclusão da educação superior de estudantes oriundos de camadas sociais desfavorecidas. Este é o caso dos trabalhos de Viana (1998), Portes (2001), Lacerda (2006) e Piotto (2007). Esses autores, no desenvolvimento de seus trabalhos e buscando os elementos explicativos da constituição dos percursos escolares dos sujeitos por eles investigados, os quais são considerados estatisticamente improváveis, destacaram a importância da moradia estudantil, nas quais esses sujeitos residiram durante a graduação, para a constituição de seus percursos escolares.

Esses trabalhos, apesar de apresentarem a moradia estudantil como um dos elementos que integram a configuração que explica a constituição desses percursos escolares improváveis, não se debruçaram sobre as experiências socializadoras e as formas de sociabilidade vivenciadas por esses estudantes nessas moradias estudantis.

Assim, a pesquisa se justificou tanto pela escassez de estudos sobre tais experiências socializadoras e formas de sociabilidade, quanto pela necessidade de produção de conhecimento sobre as experiências dos universitários nas moradias estudantis, em razão do crescimento da demanda por esse tipo de assistência estudantil, (principalmente após a promessa inserida pelo Sistema de Seleção Unificada de maior mobilidade geográfica entre os estudantes das regiões brasileiras), e o fato de que a UFV, seguindo o modelo dos *land-grant colleges*, é uma das universidades brasileiras que se destaca pelo fato de que desde sua criação empreende uma política de moradia estudantil.

Para que se fosse alcançado o objetivo proposto foi adotada, como metodologia, a pesquisa qualitativa, mas recorreu-se também a dados quantitativos. Inicialmente foram buscados dados quantitativos junto ao Serviço de Bolsa – Divisão de Assistência Estudantil da Pró-Reitora de Assuntos Comunitários da UFV, sobre o número de estudantes e o tipo de curso frequentado daqueles que residem nos alojamentos da UFV e junto aos documentos da ANDIFES, que disponibilizam dados nacionais sobre a assistência estudantil nas universidades públicas.

Os dados qualitativos da pesquisa foram gerados por meio de entrevistas semiestruturadas. Conforme Pires (2008, p. 90), umas das possibilidades da pesquisa qualitativa é a sua “[...] capacidade de englobar dados heterogêneos [...] ou de combinar diferentes técnicas de coletas de dados”, somando-se a sua vantagem de abertura para o mundo empírico.

Na época da pesquisa empírica, foram realizadas entrevistas com duas graduandas de Pedagogia que residiam nos alojamentos da UFV e com duas ex-alunas que residiram nesses alojamentos durante a graduação e que atualmente permanecem no espaço universitário, uma vez que são professoras do Departamento de Educação e atuam como docentes no curso de Pedagogia.

Na seleção dos sujeitos da pesquisa utilizou-se como critério o tempo de moradia nos alojamentos, ou seja, buscou-se graduandas e egressas que tivessem residido por, pelo menos,

dois anos nesses alojamentos. As entrevistas versaram sobre as experiências das entrevistadas desde a chegada ao alojamento, buscando compreender como se deu a adaptação, como foram criados os vínculos e como eles influenciavam as práticas e a permanência na universidade das quatro entrevistadas (Laura, Giovanna, Rita e Ana²). As entrevistas foram gravadas e transcritas de forma literal.

Na análise dos dados buscou-se uma aproximação dos retratos sociológicos, conforme Lahire (2002)³, de modo a apresentar a singularidade de cada um dos casos investigados e as regularidades entre essas histórias.

Este artigo se divide em três seções. Na primeira seção, a partir da literatura sociológica na área, discuto a permanência de alunos provenientes das camadas socioeconomicamente desfavorecidas no ensino superior público brasileiro e na Universidade Federal de Viçosa. Na segunda seção, apresento, a partir de revisão teórica das noções de socialização e de sociabilidade, as análises dos dados recolhidos sobre as experiências socializadoras e as formas de sociabilidade vivenciadas nos alojamentos da UFV pelos sujeitos investigados. Por fim serão apresentadas as considerações finais e as referências utilizadas para a produção do trabalho.

1- O acesso de universitários das camadas socialmente desfavorecidas à educação superior pública

Durante muitos anos o acesso ao ensino superior brasileiro era um privilégio quase exclusivo das elites econômicas. A escassa oferta de vagas em cursos superiores associada à concentração das instituições de ensino superior nas grandes cidades, aos elevados custos para a frequência a este nível de ensino, bem como – e especialmente – à seleção para ingresso na educação superior, dificultaram enormemente e durante um longo período o acesso das camadas socialmente desfavorecidas.

Mais recentemente, com (i) a crescente democratização do acesso à educação básica, em razão da grande expansão do ensino superior brasileiro ocorrida nos últimos anos, (ii) as políticas de acesso ao ensino superior e (iii) a elevação das exigências do mercado quanto aos anos de escolaridade para ocupar postos de trabalho, os jovens provenientes das camadas sociais desfavorecidas têm ingressado em maior número nas universidades públicas brasileiras.

De acordo com Almeida *et al* (2012), a oferta de cursos de graduação presencial e a distância está concentrada em instituições de caráter privado - 89,4% de instituições privadas (2.069) e 10,6% de instituições públicas. Apesar dessa massificação da educação superior, uma outra dimensão de análise merece ser considerada: as vagas ofertadas não são totalmente preenchidas. Sobram, na educação superior brasileira, cerca de 40% das vagas ofertadas, considerando todos os estados do país. Estas vagas encontram-se, quase totalmente, em instituições de ensino superior privadas e aponta dificuldades econômicas dos estudantes para assumirem os custos nestas instituições.

Concomitante ao processo de mercantilização do ensino superior privado, o governo federal, em 2004, lançou o Programa Universidade para Todos (ProUni) com o intuito de possibilitar e de incentivar o estudo e o acesso a esse ensino a brasileiros de baixa renda, ex-alunos da rede pública do ensino médio ou de bolsistas integrais das escolas particulares. O programa oferta, por intermédio de parcerias com instituições de ensino superiores particulares, bolsas que cobrem integral ou parcialmente os custos das mensalidades, dando oportunidades de acesso ao ensino superior aos estudantes de camadas socioeconomicamente desfavorecidas.

A universidade pública também é atingida por esse processo: a ampliação do acesso do acesso de alunos socioeconomicamente desfavorecidas, através de implantação de políticas afirmativas, com a reserva de cotas para estudantes negros e um sistema especial de reserva de vagas para alunos egressos de escolas públicas expressa pela Lei nº 12.711 de 2012, Lei de Cotas, sancionou em seu Art. 8º o prazo máximo de quatro anos (ou seja, até o ano de 2016) para que as instituições reservem 50% de suas vagas para estudantes que concluíram o ensino médio em escolas públicas.

Diante disso, a universidade pública brasileira, sabendo-se da falta de condições materiais destes alunos, encontra-se diante de novas demandas. Isso porque a chegada de “novos públicos”, cuja pertença social são frações das camadas populares, exige dessas instituições políticas de assistência estudantil cada vez mais eficientes e que garantam a permanência e uma graduação de qualidade aos universitários oriundos desse meio social. Esta preocupação com a permanência não é percebida nas instituições privadas de ensino superior, já que, ainda que impulsionados por políticas como o ProUni, os alunos das universidades privadas não contam com apoio no tocante a assistência estudantil gratuita (alimentação, moradia, atendimento psicossocial, etc.).

O atendimento dessa demanda é o que poderia fazer frente à *massificação não-igualitária* do ensino superior brasileiro (MERLE, 2011). Este termo retrata a representação política das transformações da escola contemporânea, indica a conservação das desigualdades, traduz o prolongamento dos estudos e, paralelamente, o aumento das desigualdades sociais de acesso aos diferentes ramos do ensino secundário, como aponta o autor:

A massificação não é igualitária não somente em razão do aumento da diferença de duração da escolarização e dos mais e dos menos escolarizados, mas também porque a grande maioria dos jovens das classes populares que tiveram acesso ao ensino superior optam por áreas desvalorizadas. É uma das razões que explicam que mesmo com uma escolaridade mais longa que a dos seus pais, a esperança de promoção social permanece limitada, até mesmo nula. (MERLE, 2011, p. 179)

Pesquisas questionam, inclusive, a democratização no acesso, visto que a escolha pelo curso, carreira ou profissão não é prerrogativa do estudante, sendo-lhe antes "circunstancializada" pelo seu perfil (ZAGO, 2006). Há, a despeito da massificação do ensino superior - ou em razão dela -, uma desigualdade de oportunidades ao acesso, construída histórica e socialmente: "Para a grande maioria não existe verdadeiramente uma escolha, mas uma adaptação, um ajuste às condições que o candidato julga condizentes com sua realidade e que representam menor risco de exclusão" (ZAGO, 2006).

1.2- A assistência estudantil na educação superior pública

Sabendo-se da chegada dos “novos públicos” à universidade e também pelo fato de que a vida material não impõe somente limites práticos à vida acadêmica; ela interfere moralmente no conjunto de vida intelectual (Grignon e Gruel, 1999, p.2 *apud* ZAGO, 2006, p. 235), a disponibilização de moradia estudantil em instituições públicas de ensino superior tem sido vista como uma política que viabiliza a ampliação das chances desses universitários, cuja pertença social é a camada popular e para quem o ingresso numa instituição de ensino superior pública implica em deslocamento geográfico.

Objetivando traçar o atual perfil socioeconômico e cultural do estudante de graduação presencial das universidades federais, o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE) realizou pesquisas nos anos 2010/11. Essas pesquisas visaram trazer subsídios à Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior – ANDIFES, a partir de dados nacionais, regionais e de cada

universidade federal, para embasar e retroalinhar políticas, programas e projetos desenvolvidos nas universidades federais, principalmente para a implantação de políticas de assistência estudantil, objetivando garantir as condições de permanência e conclusão de curso dos estudantes em vulnerabilidade socioeconômica.

Os dados obtidos na pesquisa realizada em 2010/11 indicam que em nível nacional 43,67% dos estudantes universitários brasileiros pertencem às classes C, D e E⁴. Além disso, observa-se que há no sudeste e centro oeste minoria de alunos pertencentes às classes C, D e E (34,42 % e 35,92 respectivamente) enquanto nas regiões norte e nordeste há taxas mais elevadas de alunos nessas classes econômicas (43,67 e 52,02 respectivamente). Estes estudantes, de modo geral, buscam a assistência estudantil para concluir seus estudos.

A ANDIFES considera que os alunos das “categorias C, D e E” compõem “a demanda potencial da assistência ao estudante”. Encontravam-se nessas categorias 44,3%, 42,8% e 43,7% dos estudantes das Universidades Federais nas pesquisas de 1996/7, 2003/4 e 2010/11, respectivamente. Esses estudantes necessitariam de algum tipo de assistência estudantil: alimentação, moradia, bolsa de trabalho e atendimento médico-odontológico, psicológico.

Os dados sobre a situação de moradia dos estudantes das universidades brasileiras nos anos 2010/2011 indicam que, em todas as classes econômicas, a maior parte dos estudantes reside com o pai, a mãe ou ambos, sendo que estes percentuais caem progressivamente à medida que se avança da classe A1 para a classe E.

Do universo de estudantes pesquisados, apenas 2,52% residem em residências mantidas pelas universidades. De acordo com o relatório, a maioria dos estudantes que residem em moradias mantidas por universidades pertence às classes C, D e E (83%).

Em meados de 1997, quando foi realizada a primeira pesquisa do perfil socioeconômico das universidades federais, surgiu o Plano Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. O PNAES foi continuamente acompanhado e aperfeiçoado pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assistência Comunitária e Estudantil (FONAPRACE), sobretudo após a pesquisa de 2004, de modo a tornar-se exequível em todas as universidades federais, respeitando as características e perfis específicos de cada uma delas.

Em agosto de 2007, o PNAES foi adotado e lançado pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior – ANDIFES, como busca de solução dos problemas relativos à permanência e a conclusão de curso por parte de estudantes em vulnerabilidade socioeconômica das instituições federais de ensino superior, por meio da articulação de ações assistenciais na perspectiva de inclusão social, de melhoria de desempenho acadêmico e de qualidade de vida.

Em julho de 2010, por meio do Decreto nº 7.234 de 19 de julho de 2010 a presidência da República, consolidou o PNAES como programa de Estado, o qual foi instituído no âmbito do Ministério da Educação. O Plano foi então convertido em Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, mantendo a mesma sigla.

O Programa estabelece que sejam atendidos, prioritariamente, estudantes oriundos da rede pública de educação básica ou com renda familiar *per capita* de até um salário mínimo⁵ e meio. Estabelece também que as ações de assistência estudantil deverão ser desenvolvidas nas áreas de moradia, alimentação, transporte, atenção à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche, também apoio pedagógico e acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento de altas habilidades e superdotação.

A efetivação do PNAES como programa e o gradativo aumento dos recursos financeiros destinado a ele contribuiu fortemente para o reposicionamento da assistência estudantil na estrutura organizacional das universidades federais.

2- O acesso e a permanência de estudantes de camadas socialmente desfavorecidas na Universidade Federal de Viçosa (UFV)

2.1- A permanência na UFV e a assistência estudantil

Em seu Art. 3º, parágrafo 2º, o PNAES estabelece que “Caberá à instituição federal de ensino superior definir os critérios e a metodologia de seleção dos alunos de graduação a serem beneficiados”. A Universidade Federal de Viçosa, atendendo às exigências do PNAES, conforme o Relatório de Atividade de 2016 oferece assistência aos alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica de seus três *campi* no tocante à moradia, saúde, creche, esporte, lazer e atendimento psicossocial.

O *campus* da UFV de Viçosa – *campus* sede – dispõe de seis alojamentos⁶, sendo três femininos e três masculinos. No ano de 2011 foram disponibilizadas 1.390 vagas para estudantes das classes socialmente menos favorecidas. É importante salientar que todas as vagas disponibilizadas neste período foram preenchidas. Atualmente, segundo dados disponibilizados pelo Serviço de Bolsa, residem nos alojamentos 1.103 estudantes. Além disso, são disponibilizadas 380 bolsas moradia para estudantes que residem em moradias coletivas na cidade de Viçosa, o que perfaz 1.483 estudantes atendidos com moradia.

O curso de Pedagogia figura no quarto lugar do *ranking* de curso com maior número de estudantes assistidos com moradia estudantil⁷, 42 estudantes residem em alojamento e 15 estudantes recebem bolsa moradia, o que perfaz 57 estudantes atendidos nesse curso, conforme pode ser observado na tabela 1.

Tabela 1

Número de estudantes que moram em alojamento e que recebem bolsa moradia.

CURSO	NÚMERO DE ESTUDANTES QUE RESIDEM NOS ALOJAMENTOS	NÚMERO DE ESTUDANTES QUE RECEBEM BOLSA MORADIA	TOTAL
Administração	23	4	27
Agronegócio	5	0	5
Agronomia	119	29	148
Arquitetura e Urbanismo	2	1	3
Bioquímica	18	3	21
Ciência da Computação	17	4	21
Ciência e Tecnologia de Laticínios	11	9	20
Ciências Biológicas	22	8	30
Ciências Contábeis	43	7	50
Ciências Econômicas	8	5	13
Ciências Econômicas – Agronegócio	4	2	6
Ciências Econômicas – Economia	4	3	7
Ciências Sociais	26	20	46
Comunicação Social	7	7	14
Cooperativismo	35	10	45
Dança	4	6	10
Direito	9	4	13
Economia Doméstica	36	10	46
Educação Física	39	16	55
Educação Infantil	18	18	36
Enfermagem	21	13	34
Engenharia Agrícola e Ambiental	15	4	19
Engenharia Ambiental	6	2	8
Engenharia Civil	18	7	25
Engenharia de Agrimensura	1	0	1
Engenharia de Agrimensura e Cartográfica	36	5	41

Engenharia de Alimentos	15	7	22
Engenharia de Produção	0	0	0
Engenharia Elétrica	20	9	29
Engenharia Florestal	28	8	36
Engenharia Mecânica	17	5	22
Engenharia Química	14	3	17
Física	37	5	42
Geografia	48	11	59
Gestão de Cooperativas	2	0	2
Gestão de Agronegócio	4	2	6
História	37	11	48
Letras	32	19	51
Licenciatura em Ciências Biológicas	22	14	36
Licenciatura em Física	19	11	30
Licenciatura em Matemática	27	6	33
Licenciatura em Química	26	6	32
Matemática	40	13	53
Medicina	1	2	3
Medicina Veterinária	13	9	22
Nutrição	27	6	33
Pedagogia	42	15	57
Química	45	7	52
Secretariado Executivo Trilíngue	5	1	6
Zootecnia	35	13	48
TOTAL	1.103	380	1.483

Fonte: Pesquisa Direta no Serviço de Bolsa– Divisão de Assistência Estudantil da UFV, 2013.

Os dados apresentados na tabela analisados em relação aos cursos de maior prestígio na instituição (levando-se em consideração a relação candidato/vaga)⁸, permite constatar que os cursos com as posições mais elevadas no ranking da relação candidato/vaga são aqueles cujos alunos são em menor número atendidos no que se refere à moradia estudantil, tais como: Medicina, Arquitetura e Urbanismo, Direito, Medicina Veterinária, Engenharia Civil e Engenharia Química. Pode-se também perceber que os cursos de licenciatura são aqueles que têm maior número de estudantes que recebem as bolsas moradia e vagas nos alojamentos⁹.

2.2 - Os alojamentos da UFV

A Universidade Federal de Viçosa possui alojamentos dentro do próprio *campus* desde sua criação. A UFV origina-se da Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV, criada em 1926. Essa instituição idealizada por Arthur Bernardes, deveria ter, além de um cunho acadêmico, um aspecto prático e ativo que se dispusesse ao progresso e ao crescimento, marcado por uma proposta de desenvolver tecnologia que proporcionasse competitividade à produção agrícola mineira. O modelo para sua escola, Arthur Bernardes encontrou nos norte-americanos e seus *land-grand colleges* que desenvolviam na época uma postura educacional pautada em três bases: ensino, pesquisa e extensão. (LOPES, 2013)

Ribeiro (2006) no estudo comparativo entre os *land-grand colleges*, escolas superiores agrícolas criadas no oeste e no meio-oeste dos Estados Unidos e a Escola Superior de Agricultura e Veterinária - ESAV aponta como a ESAV seguiu, em muitos aspectos, exemplos daqueles colégios americanos no que diz respeito a ensino, pesquisa, extensão e na sua administração. Essa autora destacou como similaridades entre essas instituições as finalidades proclamadas nos atos de criação das instituições mencionadas; a forma como se constituiu a administração das instituições, em ambos os casos, e principalmente os eixos sobre os quais foram organizadas as suas atividades.

Conforme Ribeiro (2006), os *land-grand colleges* eram instituições que funcionavam em regime de internato e externato, assim como a ESAV em sua criação, o que fez com que

houvesse a necessidade de moradia estudantil dentro do próprio *campus* universitário. Fato este, até então, imérito na educação superior brasileira.

Segundo Lopes (2013), o regime de internato da antiga ESAV fazia com que os alunos ficassem submetidos a um conjunto de regras rígidas, tributárias do “espírito esaviano” de vida retilínea e dedicada à Escola.

Para Lopes (2013, p. 3):

[...] o próprio sistema de internato, estabelecido em 1928 na Escola de Viçosa, manteve ainda sua influência na organização da vida atual dos alojamentos, sendo que a UFV se tornou uma das poucas universidades do Brasil a oferecer, gratuitamente, um sistema de dormitórios a seus estudantes.

De acordo com esse autor (op. cit.), o “espírito esaviano” instaurou-se nessa instituição no que diz respeito a uma série de valores e modos de viver que muito devem à estrutura da ESAV.

No entanto, Lopes (2013) ressalta que atualmente é o sistema de créditos, implantado pela Reforma Universitária, que conduz e controla a produção de um modo de subjetivação estudantil. Entretanto, o autor enfatiza também em seu trabalho que no alojamento há outros espíritos desejantes além da produção de coeficientes e notas. Assim, ainda que exista o regimento com normas disciplinadoras para o alojamento, estabelecido pela Pró-reitoria de Assuntos Comunitários, o que faz com que o estudante se volte mais para o aspecto técnico, há configurações de convívio que neles se estabelecem. Sobre a falta de sensibilidade para perceber as relações de convívio estabelecidas, pelos gestores da universidade esse autor afirma:

Acreditamos que a priorização da perspectiva técnica, a valorização do coeficiente, da nota, do rendimento, produziu uma diminuição da sensibilidade necessária para pôr em análise diferentes formas de existir dentro do campus universitário, formas essas que possuem outros códigos não passíveis de quantificação. E se voltarmos nosso olhar para esses aspectos não quantificáveis que se deslocam, se enraízam nas moradias estudantis, temos que – apesar de progressivamente esquecidos do direcionamento das verbas universitárias – continuam a movimentar a vida, promovendo formas de ser estudante que não se limitam somente ao coeficiente. Há níveis de expressão que se estabelecem alheios às normas regimentais e que criam maneiras diversas de habitar efetivamente um espaço que se pretende prioritariamente técnico. (LOPES, 2013, p. 6)

3 - Formas de Sociabilidade nos Alojamentos da Universidade Federal De Viçosa

Quando os alunos chegam aos alojamentos da universidade carregam consigo seu próprio eu, com suas histórias, memórias, vivências e seguranças. Imersos num mundo diferente ao de origem, quais as mudanças (nos hábitos, modo de pensar a si mesmos e ao mundo e valores) aconteceram com esses alunos? Neste tópico há o esforço de analisar as vivências das quatro entrevistadas, buscando como arcabouço teórico as reflexões a respeito de socialização e sociabilidade.

Na ocasião de pesquisa Laura, 22 anos, estava no nono período de Pedagogia, havia ingressado no curso em 2009 e, desde então, residia no mesmo alojamento, o Alojamento Novo, e no mesmo quarto. Antes de passar no vestibular e morar no alojamento já havia morado fora de casa, e considerava isso um fato que a ajudou muito, pois a ensinou a “se virar”, ainda que nesse período que antecede a moradia nas dependências estudantis tenha morado com tias. Por isso, aponta que não foi difícil adaptar-se ao alojamento.

Laura parece ter feito do mundo que lhe foi apresentado quando ingressou na universidade e no alojamento *seu* próprio mundo. Mudar-se para o alojamento exigiu dela a realização de processos de adaptação. No primeiro deles não obteve muito sucesso devido à

antiguidade das relações das outras moradoras do quarto que dificultou sua integração. Em um segundo momento, a estratégia foi adaptar o alojamento, ou seja, em decorrência do processo de escolha de novas moradoras instituído, passou a residir com estudantes com as quais tinha afinidades e parentesco, como no caso de sua irmã. O tempo que Laura residiu com uma colega de curso parece ter favorecido seu envolvimento nas atividades acadêmicas, científicas e culturais disponíveis no *campus* em função do conhecimento que compartilhavam e do fato de se tratar de uma amizade de longa duração.

A Giovanna tinha 22 anos, estava na mesma turma que Laura. Residia no mesmo alojamento e no mesmo quarto desde que começou a cursar a graduação. Segundo ela, não teve dificuldade para “entrar” no quarto, pois foi aceita pelas veteranas já no segundo quarto onde fez as entrevistas. A Giovanna residiu no Alojamento Feminino.

Para ela, residir no alojamento foi vivenciado também como uma experiência que possibilitou mudanças em sua visão de mundo e de acumulação de experiências pessoais. É um espaço em que foi socializada nos valores acadêmicos, da responsabilidade com os deveres da universidade e, com o mesmo peso, com a criação de laços afetivos, de solidariedade e reciprocidade entre ela e as companheiras do quarto.

Professora efetiva do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa, Rita residiu no Alojamento Feminino no período de 1988 a 1992, quando cursava Pedagogia, ou seja, durante cinco anos. Neste tempo morou em dois quartos. Ao ser perguntada sobre as razões dessa troca, ela esclareceu que quando conseguiu uma vaga no alojamento não havia disponibilidade no quarto onde já residiam outras graduandas com as quais mantinha relações de amizade há algum tempo. Portanto, após residir durante seis meses com um determinado grupo de graduandas, passou a residir com suas amigas, o que perdurou por quatro anos.

Tinha um perfil mais popular dentro do alojamento, mais ativo em suas relações, participava de jogos, festas e estudava coletivamente. As experiências vivenciadas por Rita interferiram na elaboração de valores, como a solidariedade ou o companheirismo com as amigas de quarto, e ampliou sua rede de relações. Além disso, teve forte influência também nas suas práticas acadêmicas e no modo de ser universitária de Rita. Para ela, a referência principal de relações era o grupo com quem convivia e dividia o cotidiano.

Por fim, Ana. Ingressou no curso de Pedagogia no ano de 1988, concluiu todo o curso em 1992 e atualmente atua como professora do Departamento de Educação desta Universidade. Na época de sua graduação residiu, durante os cinco anos, no Alojamento Feminino, morando sempre no mesmo quarto. Quando iniciou sua moradia havia mais quatro alunas no quarto, as quais já estavam no meio de seus cursos, o que fez com que ao longo dos cinco anos este grupo fosse se alterando.

Na entrevista de Ana é percebido com mais intensidade o sentido socializador de estar no alojamento (e na universidade), embora mencione o quanto as relações mantidas dentro do quarto do Alojamento Feminino a ajudou em sua permanência nos sentidos afetivos, de trocas, de companheirismo, é ao estar na universidade que remete mais enfaticamente para descrever as mudanças ocorridas na sua forma de conceber o mundo e de se situar nele. Durante toda entrevista, suas respostas iam mais de encontro às vivências acadêmicas do que às de proximidade e sociabilidade dentro do ambiente acadêmico.

Ela demonstra em seus relatos um perfil mais reflexivo e crítico sobre sua estadia no alojamento e permanência na universidade. Quando Ana ingressou no curso de Pedagogia com “um compromisso muito sério: eu estava numa universidade pública, gratuita, considerada de qualidade, então eu acho que eu tinha que fazer meu melhor”. Nas relações mantidas por Ana havia uma dupla dimensão: a amizade e o compromisso acadêmico. Às relações mantidas se acrescentou um projeto orientado a fim, visando à conclusão com qualidade do seu curso superior.

É possível interpretar as relações mantidas pelas alunas e professoras entrevistadas (umas mais intensamente que outras) a partir do conceito de sociabilidade (Simmel, 2006), que é uma forma, dentre outras, de socição, mas com uma peculiaridade que é o fato de apresentar-se emancipada dos conteúdos, existe apenas como forma de convivência com o outro e para com o outro. Se uma socição qualquer implica o agrupamento em torno da satisfação de interesses, a sociabilidade é apenas uma relação no qual o fim é a própria relação, onde interesse e racionalidade não estão envolvidos como móveis da interação. As entrevistadas não mantinham racionais interesses de crescimento acadêmico, mas suas relações contribuíam para que esse crescimento fosse facilitado e acontecesse. Se satisfaziam em estabelecer laços e esses laços tinham em si mesmos sua razão de ser.

Segundo Georg Simmel, a sociabilidade é a sociedade transformada em arte: “no interior de suas molduras, o que vale é o jogo dos seus elementos, as relações que se estabelecem e se desenrolam” Dayrell (2005, p. 186). Afirmar ainda que a sociabilidade não poderia oferecer nenhuma liberação, alívio ou serenidade se não apresentasse de forma sublimada, todas as tarefas e toda a seriedade da vida, que é o que aconteceu com os sujeitos dessa pesquisa.

Conclusão

Neste trabalho buscou-se conhecer, descrever e analisar as experiências socializadoras e as formas de sociabilidade de graduandas de Pedagogia que residem atualmente em alojamentos da UFV e as memórias dessas mesmas experiências de egressas. Ficou muito presente em todos os depoimentos o quanto as relações estabelecidas interferem e, no caso das ex-moradoras, interferiram na própria vivência da condição estudantil.

Juarez Dayrell (2012) dizendo da ampliação das interfaces entre a sociologia da educação e os estudos sobre as juventudes no Brasil, aponta um movimento de ampliação significativa de temas de pesquisas que abordam questões ligadas à subjetividade. Há um interesse dos pesquisadores em refletir sobre o aluno através de “outros olhares e dimensões”, abrindo novas perspectivas para a pesquisa educacional. Dessa maneira, reconhece a necessidade de se “conhecer não só o mundo cultural do aluno, mas a vida do jovem em seu mundo de cultura, examinando suas experiências cotidianas de participação na vida e na cultura”. Foi nessa perspectiva que o atual trabalho deu ênfase às relações mantidas na universidade, especificamente dentro dos alojamentos, entendendo tais relações também como formadoras dos indivíduos envolvidos no universo acadêmico.

Os dados obtidos indicam que para as graduandas "morar no alojamento" aparece como “oportunidade” imprescindível para a conclusão dos estudos. Viana (1998), em seu trabalho sobre longevidade escolar em famílias de camadas populares, apresenta a noção de *oportunidade* para esses meios vinculada à possibilidade de apreensão de outras referências de mundo, distintas das advindas do universo familiar e, portanto, à possibilidade (de aproveitamento) de uma diversidade de experiências socializadoras.

Acima disso, os dados obtidos indicaram que para as graduandas pesquisadas "morar no alojamento" se constituiu em uma condição imprescindível para a conclusão dos estudos. Isso é percebido principalmente na fala de Giovanna que demonstra o quanto morar no alojamento “salvou sua pátria”. Diante disso, elas empreendem esforços para fazer do alojamento “uma casa”; obter o apoio afetivo das companheiras de quarto para a superação dos problemas relacionados às pressões acadêmicas, afastamento da família e privações de ordem financeira, o que faz surgir relações duradouras de amizade.

As relações estabelecidas no âmbito das moradias estudantis da Universidade Federal de Viçosa se alicerçam em uma relação pura, não tendem a apoiar-se em condições externas, da vida econômica e social, por exemplo, baseando somente na relação em si, o que uma das entrevistadas (a Ana) chamou de “relação horizontal nos alojamentos”. As relações aqui descritas são geradas a partir de diversos propulsores, mas não se pensa nas recompensas que elas podem oferecer, são apenas relações de amizade e não há outro fim a não ser o de trocas afetivas e cotidianas, assim como na sociabilidade, definida por Georg Simmel.

A experiência de residir no alojamento lhes propiciou possibilidades práticas, relações e símbolos, por meio dos quais criaram espaços próprios, com uma ampliação das redes e das trocas. Às socializou, mudando seus valores, ensinando-as a lidarem com o novo e com o diferente.

Tais relações foram importantes na construção de disposições acadêmicas, o que é recorrente em todas as falas: a Laura era estimulada ao estudo e às práticas por Paulinha; a Giovanna teve em sua veterana uma estimuladora que a fez participar de projetos de extensão, de pesquisa e “isso fez toda diferença” em seu curso; a Rita, através dos encontros nos espaços do alojamento ampliou seus estudos, favorecendo sua formação; e, por fim, a Ana que teve em uma amiga a ampliação da visão de si mesmo enquanto aluna, a estimulando a ter contato com os professores e a iniciar pesquisa.

Os dados indicaram portanto que ocorre entre as companheiras de quarto um estímulo mútuo e recíproco para “aproveitar” as atividades científicas e culturais no campus da UFV. Esse estímulo se assenta, dentre outras razões, no fato de que o período de residência no alojamento é marcado por forte privação material e, portanto, isso inviabiliza a participação em atividades de lazer e entretenimento que implicam custos financeiros. Mas, a moradia no alojamento é apontada também como uma experiência marcada pela falta de privacidade, é um “espaço de todo mundo”, “durante o tempo todo”, o que produz certa tensão, em virtude da convivência intensa.

Contudo, foi possível perceber que as alunas dentro da Universidade não são regidas tão somente pelo cunho acadêmico e que as relações construídas e mantidas têm papel fundamental na permanência desses sujeitos no universo acadêmico universitário. Não seria possível, portanto, compreender os significados atribuídos às carreiras acadêmicas dentro do *campus* sem que se levasse em conta as relações que estabelecem e os significados que atribuem ao conjunto de experiência que vivenciam nesse contexto social. É a sociabilidade que parece responder às necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente de identidade das entrevistadas.

¹ A tutora desse grupo é a professora doutora Wânia Maria Guimarães Lacerda, a qual orientou a pesquisa que deu origem a esse trabalho.

² Todos os nomes próprios utilizados neste trabalho são fictícios.

³ Também foram utilizados como referências os trabalhos de VIANA (1998) e LACERDA (2006).

⁴ A classificação econômica utilizada na pesquisa FONAPRACE 2010/11 fundamentou-se nos critérios da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, porém, como explicita o relatório do evento, com pequenas modificações de alguns itens.

⁵ Atualmente (ano de 2016) o salário mínimo brasileiro é de R\$ 880,00.

⁶ Nomeados, segundo jargão estudantil, de Alojamento Velho, Alojamento Novo, Pós, Posinho, Feminino e Novíssimo.

⁷ Em primeiro lugar figura o curso de Agronomia, com 119 estudantes assistidos. A seguir encontram os cursos de Geografia, com 48 estudantes atendidos e o de Química, com 45 estudantes.

⁸ No ano de 2013, de acordo com dados disponibilizados no site da Diretoria de Vestibulares e Exames (DVE), o *ranking* de cursos da UFV de acordo com a relação candidato/vaga foi: Medicina (109 candidatos por vaga), Arquitetura e Urbanismo (85,5 candidatos por vaga), Direito (61,5 candidatos por vaga), Medicina Veterinária (56,3 candidatos por vaga), Engenharia Civil (46,1 candidatos por vaga) e Engenharia Química (33,5 candidatos por vaga).

⁹ O curso de Agronomia se apresenta como uma exceção, mas é preciso levar em conta que esse é o curso que oferece um maior número de vagas anuais na UFV, sendo 168 no ano de 2013. Portanto, proporcionalmente, parece que não se trata de um curso cujos alunos, em sua maior parte, buscam a assistência estudantil.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Leandro; ARAÚJO, Claisy Maria Marinho; AMARAL, Alberto; DIAS, Diana. Democratização do acesso e do sucesso no ensino superior: uma reflexão a partir das realidades de Portugal e do Brasil. **Sorocaba: Avaliação (Campinas)**, vol.17 n°.3, nov. 2012.

BRASIL. Decreto nº 7.234/2010. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 2010.

BRASIL. . Presidência da República. Lei Nº 12.711. Brasília: 29 de agosto de 2012.

DAYRELL, Juarez. As experiências socializadoras e as formas de sociabilidade dos sujeitos. In: DAYRELL, Jurez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 175-284.

DAYRELL, Juarez. Juventude, socialização e escola. In: DAYRELL, Juarez; NOGUEIRA, Maria Alice Nogueira; RESENDE, José Manuel; VIEIRA, Maria Manuel. **Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

FÓRUM NACIONAL PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. **Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais de ensino superior: relatório final**. Brasília, 2011. 64 p.

LACERDA, Wânia Maria Guimarães. **Famílias e Filhos na Construção de Trajetórias Escolares pouco prováveis: o caso dos iteanos**. 2006. Tese - Faculdade de Educação. Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ.

LAHIRE, Bernard. **Homem Plural: os determinantes da ação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

LOPES, Eduardo Simonini. **A casa disciplinar: problematizando a relação da Universidade Federal de Viçosa com seus alojamentos**. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/portalmineiro/conteudo/externos/4cpehemg/Textos/pdf/autorl_1.pdf>. Acesso em: jul. 2013.

LOPES, Eduardo Simonini. **Entre o eu e o outro: espaço sem territórios**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

MERLE, Pierre. Democratização de Ensino. In: VAN ZANTEN, Agnès (coor.). **Dicionário de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

PIRES, Álvaro. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 154-211.

PIOTTO, Débora Cristina. **As exceções e suas regras: estudantes das camadas populares em uma universidade pública**. São Paulo: Instituto de psicologia, Universidade de São Paulo, 2007. 361 p. Tese (Doutorado).

PORTES, Écio Antônio. **Trajetórias escolares e vida acadêmica dos estudantes pobres na UFMG: um estudo a partir de cinco casos**. Belo Horizonte: FAE UFMG. Tese (Doutorado). 2001.

RIBEIRO, Maria das Graças Marcelo. Caubóis e Caipiras: Os *land grant colleges* e a Escola Superior de Agricultura de Viçosa. **História da Educação, ASPHE**. Pelotas: UFPEL, n.19, 2006.

SIMMEL, Georg. A Sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal). In: _____. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p 59-82.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Relatório de Atividades 2011**. Viçosa, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Relatório de Atividades 2016**. Viçosa, 2016.

VIANA, M. J. B. **Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidades**. 1998. Tese (Doutorado)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, maio/ago, p 227-237, 2006.